



**O brincar e a orientação socioeducativa para promover a inclusão escolar de estudantes do IFRO em situação de vulnerabilidade**

**Playing and socio-educational orientation to promote school inclusion for IFRO'S students in vulnerable situations**

DOI: 10.55905/revconv.16n.1-019

Recebimento dos originais: 27/01/2023

Aceitação para publicação: 27/02/2023

**Lívia Catarina Matoso dos Santos Telles**

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

Endereço: Porto Velho – RO, Brasil

E-mail: livia.santos@ifro.edu.br

**Anderson Teixeira Telles**

Mestre em Educação Escolar pelo Programa de Pós-graduação em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia

Instituição: Instituto Federal de Rondônia (IFRO)

Endereço: Porto Velho – RO, Brasil

E-mail: anderson.telles@ifro.edu.br

**Ricardo Valim**

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

Endereço: Porto Velho – RO, Brasil

E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

**RESUMO**

O presente artigo teve o objetivo de compreender o porquê do brincar tornar-se uma importante ferramenta na atuação psicopedagógica no Instituto Federal de Rondônia (IFRO) para estudantes com perfil de vulnerabilidade. A metodologia envolveu a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo no IFRO. Propõe-se que as atividades lúdicas devem ter espaço exclusivo na vida de todo ser humano, independente de qual seja a idade. Com o apoio de uma rica bibliografia na fundamentação, pode-se constatar que, de fato, o brincar possibilita ao sujeito um espaço para atuar como protagonista, além, é claro, de poder ressignificar as experiências vividas e mudar o destino de sua própria história. Na política socioeducativa a escolarização tem posição fundamental, por isso o adolescente precisa receber apoio para continuar estudando e obter êxito. No caso dos estudantes vulneráveis matriculados nos cursos técnicos do IFRO, analisamos como deve ser o atendimento a estes, baseando-se na experiência da Psicopedagogia e nos princípios da orientação socioeducativa, para efetivar ações educativas inclusivas.



**Palavras-chave:** psicopedagogia, brincar, orientação, IFRO.

### **ABSTRACT**

The objective of this paper was to understand why play has become an important tool in psychopedagogical work at the Instituto Federal de Rondônia (IFRO) for students with a vulnerability profile. The methodology involved bibliographic research and field research at IFRO. It is proposed that recreational activities should have an exclusive place in the life of every human being, regardless of their age. With the support of a rich bibliography, it was possible to verify that, in fact, playing allows the subject a space to act as a protagonist, besides, of course, being able to give new meaning to the experiences lived and change the destiny of his own history. In the socio-educational policy, schooling has a fundamental position, so the adolescent needs to receive support to continue studying and be successful. In the case of vulnerable students enrolled in technical courses at IFRO, we analyze how they should be cared for, based on the experience of psychopedagogy and the principles of socio-educational guidance, in order to effect inclusive educational actions.

**Keywords:** psychopedagogy, play, orientation, IFRO.

## **1 INTRODUÇÃO**

Trataremos inicialmente sobre a importância do brincar dentro da Orientação Socioeducativa para o desenvolvimento de forma integral dos estudantes em situação de risco ou vulnerabilidade que estão matriculados nos cursos técnicos do Instituto Federal de Rondônia (IFRO).

O principal questionamento que se procura responder com este estudo é se de fato as atividades lúdicas podem ser importantes veículos de transformação na vida de estudantes adolescentes que por um motivo ou outro tiveram seus direitos violados por algum tipo de violência.

O IFRO regulamentou no ano de 2014 a Política de Assistência Estudantil (PAE), que por meio de programas com concessão de auxílios financeiros visava ampliar as condições de permanência e êxito dos discentes do ensino presencial técnico e superior (IFRO, 2014). Os auxílios são para moradia, locomoção, alimentação, atenção à saúde e apoio biopsicossocial, exercício de Monitoria, desenvolvimento de cidadania, colaboração nas dependências do Instituto, participação em eventos técnico-científicos e publicação de livros.

O PAE foi reformulado em 2018, passando a ser chamado de Regulamento de Programas de Assistência Estudantil (REPAE) (IFRO, 2018). O Programa de Auxílio Permanência



(PROAP) concede auxílios financeiros para estudantes economicamente vulneráveis com o objetivo de ajudar nas despesas com transporte e alimentação.

Além da assistência financeira, o IFRO precisa oferecer um atendimento pedagógico diferenciado ao público de alunos em condição de vulnerabilidade, seja esta vulnerabilidade por razão da condição social, por ter sido vítima de violência, por estar cumprindo medidas socioeducativas, por ter tido algum direito violado, entre outros.

O conceito de vulnerabilidade não possui um consenso conceitual, visto que abrange dimensões ainda não delimitadas (HOGAN, 2005), sendo comumente associada à pobreza, apesar de não se limitar a ela. Discutimos a variedade de fatores que estão envolvidos na vulnerabilidade, como questões ambientais, segregação espacial, falta de acesso a bens de consumo e serviços públicos, orientação sexual, gênero, deficiências, entre outros.

Então consideraremos como vulnerável aquele estudante que apresente uma ou mais das seguintes condições: dificuldades financeiras, ter sofrido violências (física, psicológica ou sexual), discriminação, preconceitos, entre outros fatores, que podem impactar a vida acadêmica.

Isto posto, assevera-se o caráter multidimensional para o enfrentamento das dificuldades pelas quais passam estes estudantes, buscando-se colaborar com a permanência, melhor desempenho e evitar a evasão escolar.

Desta forma, o objetivo geral é compreender o porquê do brincar tornar-se uma importante ferramenta na atuação psicopedagógica no IFRO para este perfil de estudante. Em se tratando de especificar o objetivo pode-se destacar a abertura que o estudo possibilita para perceber que através do brincar os adolescentes entram em contato com uma nova realidade que lhes permite serem eles mesmos. Também se percebe que nas atividades lúdicas sentem-se livres para, de uma forma ou de outra, tentar ressignificar as mais profundas vivências.

Assim sendo, este ensaio se justifica porque pretende demonstrar e aprofundar os conhecimentos referentes à presença lúdica e o diferencial que esta mesma presença pode oferecer para a melhoria da qualidade de atendimento de adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Para embasamento foi feita uma pesquisa de cunho bibliográfico e utilizada uma rica bibliografia que contou com importantes obras de autores, dentre os quais se destacam: Ester Precht Bañados, Walter Benjamin, Johan Huizinga, Alicia Fernández e Sara Pain. Os textos que



compõem e fundamentam este ensaio foram escolhidos justamente por tratarem com profundidade da temática escolhida.

O artigo está composto por quatro tópicos principais. No primeiro tentar-se-á explicar quais são as atribuições de um Orientador Socioeducativo. No segundo momento o objetivo é apresentar o quão importante é a presença do brincar numa perspectiva psicopedagógica na Orientação Socioeducativa de adolescentes em situação de risco.

Em terceiro haverá um breve estudo à luz do Código de Ética do Psicopedagogo (um norte e fundamento para este ensaio), em que se observará como a Psicopedagogia é uma importante ferramenta no processo de ensino e aprendizagem. E por fim a conclusão deste estudo, em que propomos uma reflexão para incluir atividades lúdicas no currículo escolar dos cursos técnicos.

## 2 DESENVOLVIMENTO

O despertar para o aprendizado começa em situações que muitas vezes não nos damos conta enquanto adultos, não porque estamos alheios e insensíveis a determinado momento de descoberta, mas porque simplesmente a situação é tão simples e desvelada que mal nos damos conta de que ali, exatamente naquele momento, alguém aprende e alguém ensina.

Muitas vezes são os adultos que recebem as maiores aulas magnas de civilidade, compaixão, simplicidade e doação, porque a relação de uma criança com outra é sem mistério, não existem máscaras sociais que perpassam a relação. A própria “fase da infância é símbolo de simplicidade natural, de espontaneidade para diversas culturas” (CHEVALIER; GHEERBRAN, 1989).

Enquanto adultos dentro de empresas, na faculdade ou até mesmo em casa, nos esforçamos para dizer o que precisa ser dito, talvez uma correção, uma palavra amiga, enquanto que para um adolescente, por exemplo, simplesmente dizer o que tem que ser dito acontece de forma simples e objetiva, sem rodeios.

O universo daqueles que ainda não são adultos é radicalmente diferente do mundo adulto. Se quisermos entender esta realidade que está presente, mas que nos difere uns dos outros, temos que apelar para ferramentas que nos conectem, que nos unam, que nos aproximam. Uma delas será de modo breve explanada neste modesto ensaio, que é o brincar.



Adolescentes podem adotar comportamentos de risco principalmente em razão da busca de desafios e novas experiências, os quais podem provocar consequências em curto, médio e longo prazos que comprometem a saúde e bem-estar. Podemos citar algumas situações: comportamento sexual de risco, uso de álcool, cigarro e outras drogas, comportamento infracional, suicida ou de restrição alimentar, prática inadequada de atividades físicas, risco no trânsito e exposição na internet e nas redes sociais. O sentimento que o adolescente pode ter ao viver estas situações é como se fosse uma brincadeira, diversão, porque ele possui esse desejo de brincar, mas que pode estar sendo direcionado para algo que tem potencial negativo.

Através do brincar pedagógico (positivo) fica evidente o quão importante e eficaz pode ser uma simples brincadeira para acessar áreas da vida e do universo juvenil, com aprendizagens que muitas vezes desconhecemos. Um jovem que pôde brincar e aprender com isso se torna um adulto liberto. Está livre porque pode ser ele mesmo e aprender com seus erros sem culpa. Porque se existem erros, eles são somente seus e a partir deles pode partir para novas áreas de aprendizagem mais complexas.

Através do lúdico podemos ensinar os adolescentes a ter empatia, não agir com preconceito, principalmente ante a grupos como de pessoas com deficiência, LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer, com um sinal “+” para reconhecer as orientações sexuais ilimitadas e identidades de gênero usadas pelos membros dessa comunidade), além de negros e indígenas.

O IFRO, em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), considera que é preciso promover ações de inclusão, de acordo com as necessidades e peculiaridades regionais, combatendo às desigualdades sociais, bem como todas as formas de discriminação, remetendo ao debate da diversidade frente ao processo do ensino e da aprendizagem, portanto de currículo para discentes (IFRO, 2018).

## 2.1 O QUE É SER UM ORIENTADOR SOCIOEDUCATIVO?

Aparentemente quando alguém faz esse tipo de pergunta parece ser fácil dar uma resposta, mas não é bem assim. Ainda mais quando se é professor e está envolvido em um trabalho cuja responsabilidade é justamente cuidar, orientar pessoas em desenvolvimento.



A palavra orientar tem dois significados em especial que mais chamam a atenção. Significa “mostrar a direção a ser seguida, nortear” e o segundo “reconhecer aptidões de uma pessoa e incentivá-la a alcançar seu propósito” (MICHAELIS, 2015).

De fato, ambas as definições se encaixam perfeitamente no que se busca atualmente com adolescentes em situação de risco. Assim como o encontro com a definição mais adequada não é fácil, também acontece com a busca pela melhor orientação. É um processo que exige paciência, tempo e sensibilidade.

Estar em contato com estudantes em situação de risco e/ou vulnerabilidade é um momento que exige, em qualquer circunstância, muita sensibilidade. É preciso procurar pelas fontes da vida desse adolescente, tentar entender o processo de vida pelo qual o levou a estar ali. Mas, além desta sensibilidade, é preciso estar atento às atribuições que são de estrita responsabilidade dos Orientadores Socioeducativos.

Dentre as várias atribuições destacam-se ações de cuidados e ações psicopedagógicas, levando em conta a faixa etária da adolescência. Uma destas ações pode ser definida como um trabalho no campo preventivo, elaborando atividades que possam detectar determinadas dificuldades e a partir destas elaborar planos bem focalizados para prevenir dificuldades ainda mais profundas. Ou seja, o orientador deve estar atento às necessidades de cada um de seus alunos em particular. Por isso se atribui a este tipo de serviço o adjetivo de serviço de alta complexidade.

Portanto, não basta somente participar de reuniões de pais, responsáveis e mestres e ouvir que determinado estudante não está aprendendo, está mais interessado em conversar e atrapalhar a aula. É preciso se perguntar por que todas essas coisas são mais importantes para o adolescente do que simplesmente aprender.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ADOLESCENTE

É bem sabido o quão importante é a brincadeira para as crianças e adolescentes. Isso por vários fatores, seja pela socialização do sujeito com outros indivíduos, pela possibilidade de gerar reflexão, planejamento e o despertar de uma consciência competitiva saudável. Fernández (2002, p. 121) cita até a alegria que vem de uma “agressividade saudável” que brota justamente da competitividade.



Mas é também no espaço do jogo que o adolescente pode atuar como protagonista e através de sua manifestação pode, ele mesmo, encontrar alternativas para enfrentar as dificuldades que se apresentam diante de si, bem como, reviver tudo que lhe aconteceu em outro momento. Assim, pode-se concordar com Bañados (2016, [s.p.]) quando diz:

A brincadeira permite se relacionar, crescer com alegria e harmonia, também aporta habilidades e experiências necessárias para chegar a ser pessoa, autônoma e consciente do entorno em que se vive. Nos prepara para ser espectador e ator na nossa existência, além disso, para ser flexível a mudanças e capazes de contribuir ao processo de construir, cimentar, dirigir comunidades e países, com sociedades mais justas e humanas. Também sua proximidade com o invisível e o mágico nos convida a que nos relacionemos com a cultura cósmica e planetária.<sup>1</sup>

Benjamim (2014, p. 101) traz um dado interessante neste sentido, com relação ao aspecto, por exemplo, da repetição que as crianças fazem durante os jogos: “A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início (...) A essência do brincar não é um fazer-se como, mas um fazer sempre de novo, transformação da experiência mais comovente em habito”.

Desta forma, pode o sujeito desenvolver habilidades com o recurso que faz uso em dado momento no seu processo de ensino e aprendizagem. Quanto mais a criança ou o adolescente executa estes movimentos, que no mundo adulto são interpretados como uma simples repetição, mais ela conseguirá exercer poder sobre sua atividade, assim como para qualquer atividade humana como dançar, treinar uma arte marcial ou cantar, tudo vai exigir um grau ou outro de dedicação e empenho.

Os antigos latinos tinham uma expressão curiosa e rica que traduz bem o que se diz aqui. Diziam eles “Repetitio est Mater Studiorum” (A Repetição é a Mãe do Estudante)<sup>2</sup>.

Muitos estudos já foram publicados demonstrando a importância de uma educação integral, ou seja, de um projeto que leve as crianças e adolescentes a se desenvolverem intelectualmente, espiritualmente e fisicamente. Dados históricos são trazidos a conhecimento público apontando que tanto os jogos, como as brincadeiras, tendem a mudar a vida daqueles que estão em processo de desenvolvimento. Isso porque a vida é considerada para muitos autores

---

<sup>1</sup> Discurso de Abertura da XVI Jornadas Trasandinas de Aprendizagem realizada no Centro Universitário Assunção UNIFAI de São Paulo (SP), de 21 a 23 de Setembro de 2016.

<sup>2</sup> Existe um estudo muito interessante e tradicional referente a este tema. Vale conferir a obra de Werner Jaeger “**Paidéia** – A Formação do Homem Grego” publicada no Brasil pela editora Martins Fontes (2003).



como um jogo em si<sup>3</sup>. E até ouvimos expressões como “jogo da vida”, “jogo de interesses”, entre outras.

Diante de tudo o que foi exposto até agora é preciso ter sempre em mente que de fato o exercitar-se através de atividades lúdicas é importante para o desenvolvimento integral do ser humano para que este último possa exercer sua função social como um ser digno e seguro. Ou como nas palavras do filósofo Jacques Maritain (1963, p. 25) “mas a educação não é o treinamento de um animal. É o despertar do homem”.

E para que este ser humano desperte é preciso oferecer ambientes e situações favoráveis para que possa aprender adequadamente, e principalmente, que possa aprender com alegria, pois somente fazendo qualquer coisa, independentemente do que seja, mas se feito com prazer é que se poderão obter os melhores resultados.

Fernández (2002, p. 121) diz que “a alegria permite sustentar os necessários momentos de desilusão, sem perder a esperança, como força criativa”. Somente com alegria se pode de fato enfrentar as amarguras da vida. Por isso, em um serviço de alta complexidade, o lúdico é tão essencial porque com ele é possível traçar um novo modo de enfrentar todo tipo de situações violentas, sejam elas de abandono, maus tratos e abuso.

É preciso frisar aqui que o uso da ludicidade no enfrentamento das perplexidades que assombram a vida não é uma pílula mágica que é tomada e tudo passa, mas é algo que torna a vida mais leve.

No campo da Psicopedagogia, todos os dias os profissionais da área se deparam com centenas de crianças e adolescentes que por um infortúnio ou outro tem certo grau de defasagem em sua aprendizagem. Trabalhar com aqueles que se achegam aos consultórios e instituições à procura de amparo não é uma tarefa fácil, pelo contrário, é muito desafiadora diante da complexidade de muitos casos.

É necessária muita sensibilidade e disposição para entender o mundo daquele que está diante de mim e que não sou eu, mas é outro. Compreender o mundo do outro exige de todo e qualquer profissional muita disposição e dedicação para enfrentar as dificuldades.

---

<sup>3</sup> Para efeito de maior conhecimento neste aspecto vale conferir a obra clássica de Johan Huizinga “**Homo Ludens**” publicada no Brasil pela editora Perspectiva na Coleção Estudos. O autor demonstra como está o jogo presente nas culturas em diferentes áreas do conhecimento humano como, por exemplo, na filosofia.



Fernández comentou algo interessante referente ao momento de nossa aprendizagem da fala. Para a autora, se aprendemos a falar é porque não nos obrigaram a focalizar nossa atenção na imitação do que o outro dizia.

Se aprendemos a falar é porque nossos pais não focalizaram sua atenção para que repetíssemos as palavras tal qual eles as diziam. Se aprendemos a falar é porque alguém *acolheu* nossas primeiras palavras com *disponibilidade e flutuação atencional* (FERNÁNDEZ, 2012, p. 54).

Sem uma boa receptividade atencional nada pode vir a produzir algo que dure. Se pretendemos uma educação que de fato os jovens venham a aprender e não simplesmente repetir conceitos, é preciso um espaço em que impere livremente a alegria e o acolhimento do que é produzido.

Pensar estes conceitos alinhados ao desenvolvimento do estudante do IFRO perpassa a necessidade de capacitação permanente dos profissionais orientadores e dos professores, a fim de resistir às dificuldades diárias e buscar a construção das significações pessoais dos adolescentes.

Consideramos ainda que precisamos resgatar (ou fazer surgir) nos educadores, uma pedagogia da indignação, com uma ética humanizadora e libertadora. O desânimo escolar é um fator presente na vida dos adolescentes vulneráveis e se apresenta como demanda de trabalho ao orientador ou professor. A escola pode apresentar resistência em atender estes alunos por serem considerados desistentes em potencial e/ou problemáticos.

### 2.3 A PSICOPEDAGOGIA COMO FERRAMENTA INDISPENSÁVEL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NUMA PERSPECTIVA LÚDICA

Como já foi mencionado anteriormente, para que se identifiquem certas limitações que, por vez ou outra, são apresentadas pelos adolescentes, se faz necessário um olhar por parte dos educadores ou daqueles que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem.

Neste ponto se faz necessário o estudo da Psicopedagogia e a apropriação destes conceitos como ferramenta indispensável para trabalhá-la em prol de melhorias qualitativas na vida dos estudantes. A Psicopedagogia, por definição, segundo o Código de Ética de 05 de novembro de 2011 no Capítulo I e artigo 1º, diz que:



A Psicopedagogia é um campo de atuação em educação e saúde que se ocupa do processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos próprios, fundamentados em diferentes referenciais teóricos (CÓDIGO DE ÉTICA, p. 3, 2011).

O estudo da Psicopedagogia permite uma atuação de destaque aos seus profissionais no campo da educação porque lida diretamente com as questões de dificuldade de ensino e aprendizagem. Mas não somente isso. O olhar do profissional da área psicopedagógica é treinado para transcender as estruturas que se apresentam diante de si com a finalidade de não se emitir juízos equivocados, como visto anteriormente na definição do Código de Ética.

Não basta somente ensinar os aprendentes em nossos dias, mas principalmente compreender como se aprende algo e principalmente o porquê muitas vezes não se aprende. Deste modo, a educação passa a ter o seu verdadeiro sentido que é a vida.

Nas palavras de Dewey (1978, p. 31) “educação é vida, e viver é desenvolver-se, é crescer. Vida e crescimento não estão subordinados a nenhuma outra finalidade, salvo mais vida e mais crescimento”. Desde a mais tenra idade até seu natural declínio, todo ser humano está em um espaço *continuum* de ensino e aprendizagem.

Muitas crianças e adolescentes infelizmente ainda hoje são rotuladas com diagnósticos imprecisos de profissionais que muitas vezes não possuem a sensibilidade adequada para perceber o momento de crescimento de cada indivíduo. Estes rótulos são como cicatrizes que o sujeito irá carregar para o resto de sua vida. Somente através de uma dedicação exclusiva e comprometida com a verdadeira educação que pretende libertar o indivíduo de seus grilhões da ignorância é que de fato não se correrá o risco de cometer os mesmos erros que tendem a marginalizar tantos que tem apenas como meta em suas vidas serem os protagonistas de suas próprias histórias.

A Psicopedagogia possibilita a seus profissionais atuarem em duas áreas que compõem a presença essencial do ser humano: nas instituições e nas clínicas. As instituições nas quais o psicopedagogo pode atuar são as escolas, empresas e até mesmo em hospitais. No que se refere ao atendimento clínico psicopedagógico este se dá em consultórios contando com o apoio de outros profissionais qualificados para proporcionar uma qualidade integral ao seu trabalho.

No desenvolvimento de um trabalho psicopedagógico com estudantes da rede profissional, como é o caso do IFRO, é essencial criar espaços em que a ludicidade possa ser uma



possibilidade de liberdade. Não é uma tentativa de fugir da realidade que muitas vezes é dura com as pessoas desde muito cedo.

Jogar-brincar não supõe excluir a realidade ou negá-la. Não implica fechar os olhos ao sofrimento próprio nem alheio. Ao contrário, como jogar supõe colocar em jogo o desejo de transformar o que está dado, precisamos reconhecer o que está dado, e por sua vez, necessitamos que a “Instituição”, como o ensinante, nos ofereça um espaço confiável (FERNÁNDEZ, 2012).

Fernández, mais adiante em seu livro, diz que a instituição a qual se refere é o hospital, mas pode ser a escola também. É dever das instituições prover estes espaços de liberdade, e o mesmo é válido para a família. Isso deve acontecer porque é importante para o desenvolvimento da independência de pensamento. Afinal, como nos diz Fernandez (2002, p. 121) “hoje, mais do que nunca, se faz necessário recuperar a alegria como modo de estabelecer espaços onde a autoria de pensamento possa despertar-se”.

O IFRO, por ser uma instituição de ensino profissional, preza muito pelo currículo das disciplinas técnicas, havendo poucas atividades em prol do desenvolvimento humano. Junto a tais fatores intrínsecos à política educacional da instituição, resgate-se os fatores sociopolíticos de nossa sociedade, que contribuem para a perpetuação da desigualdade social e más condições de sobrevivência de milhões de famílias. Sendo ainda as regiões Norte e Nordeste como reais concentradoras de um percentual expressivo da população que não se alimenta satisfatoriamente e até passa fome.

De acordo com dados do setor da Orientação Educacional do IFRO Campus Porto Velho Calama, o quantitativo de atendimentos a estudantes que passaram por algum tipo de violação de direitos reflete um contexto local e regional. Essa população que enfrenta cotidianamente a fome e que se encontra em condição de pobreza consegue ingressar no IFRO por meio das ações afirmativas (cotas), mas dificilmente permanece estudando.

A região Norte concentra-se em territórios de alta vulnerabilidade social, os quais apresentam menor cobertura de abastecimento de água potável, insuficiente ou inexistente sistema de esgotamento sanitário, ausência de coleta de lixo, população com renda per capita inferior a meio salário mínimo, número expressivo de crianças e adolescentes que não frequentam a escola, elevado número de mulheres jovens com filhos, elevado percentual de mulheres responsáveis pela renda familiar e chefes de família e um número significativo de adultos que não trabalham e nem estudam.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado ao fim desta breve jornada em prol de conhecimento para aprofundar as experiências vividas com adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade, o sentimento que permanece é o de que ainda existe muito o que fazer. E que bom que existe, assim não se correrá o risco de permanecermos na inércia acreditando que tudo está concluído.

Neste caminho que foi trilhado e guiado por nossos autores que compuseram e fundamentaram o ensaio, ficou claro e com um sonoro “Sim” que os adolescentes devem brincar e brincar não somente por brincar, mas porque por via das atividades lúdicas é possível compreender o mundo e o próprio ser humano de maneira diferente e integral.

Desde a mais tenra idade estamos constantemente a procurar desvendar os segredos que estão velados nos símbolos e signos deste belo mundo. Porém, no decorrer de nossa breve peregrinação terrestre, nos damos conta do surgimento de muitas dificuldades para poder aprender a ler e interpretar todos estes sinais e símbolos que a vida, a cultura, a religião e o mundo todo nos presenteiam.

E é neste ponto que um personagem de suma importância surge, não vestido como uma capa ou uma armadura, mas experimentado nas próprias dificuldades e alimentado por uma sensibilidade ímpar que o leva ao encontro daqueles que pedem ajuda porque naquele momento não conseguem aprender. Este não é um super-herói ou um deus, mas simplesmente um psicopedagogo que na sua simplicidade e compromisso procura de fato elaborar atividades que tendem a auxiliar os que mais sofrem por simplesmente não aprender.

Muitas vezes, o que um adolescente quer apenas, é um espaço para que possa de fato ser ele próprio expressando suas alegrias e tristezas, e principalmente um lugar em que possa ter sua voz ouvida com devido prestígio. Muitos conflitos enfrentados na escola, em sua grande maioria, refletem o desejo simples que o estudante tem de ser ouvido e valorizado na sua expressão.

Falamos tanto em liberdade de expressão nos meios de comunicação e em nossas salas de aulas, mas o que se percebe é que as coisas não são bem assim. Muitos erros permanecem. Diagnósticos são feitos, mas infelizmente alguns mais parecem rótulos. É preciso liberdade para aprender e para ensinar.

Enfim, o presente ensaio não tem por objetivo se tornar um instrumento de redenção da dignidade humana e nem levantar um estandarte em prol de uma Psicopedagogia que se pretenda



ser vista como redentorista. Mas unicamente apontar o caminho que passa pela sensibilidade do coração daqueles que realmente estão comprometidos com a liberdade e vida dos adolescentes.

E principalmente para o progresso de uma educação que desperte nos corações e mentes de todos aqueles que futuramente possam fazer uso destas páginas, o prazer da alegria na aprendizagem. Pois só se aprende realmente com alegria e não por imposição.

Após este percurso, nosso desejo é que essa seleção de ideias possa fazer surgir novas compreensões, provocadas por uma tempestade de luzes das inúmeras teorias e referenciais, para que saibamos conduzir a inclusão dentro dos Institutos Federais, em especial do IFRO.



## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. Código de Ética do Psicopedagogo, de 26 de novembro de 2019. Disponível em: <https://saopauloabpp.com.br/abpp-sao-paulo-codigo-de-etica.html>. Acesso em: 22 nov. 2021.

BAÑADOS, Ester Precht. As Atividades Lúdicas, sua Incidência no Desenvolvimento Integral, Formação e Educação de uma Pessoa Autônoma, Alegre e Solidária em Permanente Interrelação com o Meio Social, Natural e Emocional. In: XVI JORNADAS TRASANDINAS DE APRENDIZAGEM, 2016 [S.I.: s.n]. São Paulo: UNIFAI, 2016.

BENJAMIM, Walter. Reflexões sobre a criança, O Brinquedo e a Educação. 2º ed. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2014.

BOSSA, Nadia A. Fracasso Escolar – Um Olhar Psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos – Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números. 2º ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.

DEWEY, John. Vida e Educação. 10º ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Material Escolar, 1978.

FERNÁNDEZ, Alicia. A Atenção Aprisionada – Psicopedagogia da Capacidade Atencional. Porto Alegre: Penso, 2012.

FERNÁNDEZ, Alicia. A Inteligência Aprisionada – Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e Sua Família. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FERNÁNDEZ, Alicia. Os Idiomas do Aprendente – Análise das Modalidades Ensinantes com Famílias, Escolas e Meios de Comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERNÁNDEZ, Alicia. O Saber em Jogo – A Psicopedagogia Propiciando Autorias de Pensamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERNÁNDEZ, Alicia. Psicopedagogia em Psicodrama – Morando no Brincar. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HOGAN, D. J. Mobilidade populacional, sustentabilidade ambiental e vulnerabilidade social. Revista Brasileira Estado População. São Paulo, v. 22, n. 2, 2005.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens – O Jogo Como Elemento da Cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008.

IBGE. Aspectos Demográficos da Região Norte. 2018. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/tabela1.shtm>. Acesso em: 20 de fev de 2023.



IFRO. Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) IFRO 2018-2022. 2018. Disponível em [https://portal.ifro.edu.br/images/ifro-pdi-interativo-20180209\\_pagina-simples.pdf](https://portal.ifro.edu.br/images/ifro-pdi-interativo-20180209_pagina-simples.pdf) Acesso em 02 de março de 2021.

IFRO. Resolução nº 033/CONSUP/IFRO, de 22 de setembro de 2014. Dispõe sobre a organização e regulamentação dos Programas de Assistência Estudantil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, 2014.

IFRO. Resolução nº 023/CONSUP/IFRO, de 26 de março de 2018. Dispõe sobre a aprovação do Regulamento dos Programas de Assistência Estudantil (REPAE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, 2018.

JAEGGER, Werner. Paidéia – A Formação do Homem Grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARITAIN, Jacques. Rumos da Educação. 3º ed. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

MICHAELIS DICIONÁRIO. Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=orientar>. Acesso em: 15 Set. 2016.